

GUIA PARA COMUNIDADES

Adaptação climática para quem vive
os impactos no território

GREENPEACE

A CONTA DO CLIMA SOBROU PARA QUEM?

Sabe quando o jornal diz que um desastre aconteceu por culpa da chuva ou porque a natureza foi forte demais? Essa história não é bem assim. O clima mudou para todo mundo, mas as tragédias no Brasil têm cor, endereço e classe social, ou seja, o impacto da crise climática não é natural, é social. Cientistas e pesquisadores estudam o assunto usando uma palavra difícil: vulnerabilidade climática.

Mas, no papo reto do dia a dia, o que isso quer dizer? A vulnerabilidade nada mais é do que uma receita feita por três ingredientes. O primeiro é a exposição: o quanto o lugar onde a gente vive está no caminho do perigo. Não é à toa que sobrou para tanta gente morar na beira de córregos que transbordam, em encostas de morros que deslizam, em regiões que assam no calor e racham na seca. Afinal, a cidade foi organizada assim, empurrando quem tem menos para as áreas de maior risco.

O segundo ingrediente é a sensibilidade: o quanto o nosso território aguenta o tranco, com a estrutura que tem ou que nunca chegou até ali. A sensibilidade não tem a ver com a natureza, mas sim com as condições sociais, habitacionais e históricas de um lugar. Se a comunidade tem moradias construídas com materiais frágeis, sem estruturas de contenção adequadas, falta de saneamento básico, lixo acumulado e canais entupidos, qualquer chuva forte causa um estrago gigante. O território fica “sensível” porque faltou investimento público e planejamento urbano.

Uma pesquisa da Teto Brasil mostra que 86% das favelas e comunidades no Brasil enfrentaram ao menos um evento climático extremo no último ano. E quando as fortes chuvas chegam, os prejuízos crescem porque 70% desses territórios não têm abrigos de emergência e nem sistemas de drenagem de água, por exemplo. Isso não acontece por acaso. Os impactos da crise do clima mostram escolhas políticas sobre quem tem o acesso à infraestrutura e à proteção das políticas públicas que foram desenhadas por governos de municípios, estados e federal, e quem não tem. Vale lembrar que as políticas públicas são uma espécie de ‘mapa de ação’ dos governos.

Por fim, o ingrediente final é o que as pessoas têm para se defender diante desse tipo de problema que a crise do clima gera: dinheiro guardado para consertar o que quebrou, comprar os móveis perdidos, comprar remédios por conta da mudança do clima, acesso a serviços de saúde, prefeituras com planos de emergência de verdade e redes de vizinhos organizadas



Quando a gente junta alta exposição (morar no perigo) com alta sensibilidade (viver sem estrutura) e pouca capacidade de resposta (falta de apoio e de dinheiro), o desastre acontece.

Este guia é resultado de pesquisas do Greenpeace Brasil e traz informações e sugestões para as comunidades enfrentarem esse problema.

ALGUNS NÚMEROS PARA VOCÊ

O que a gente te contou até agora foi pesquisado. Cientistas cruzaram os dados do último Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) com as plataformas que medem os riscos do clima no governo, e o resultado desse estudo confirmou que, no Brasil, os dados oficiais provam o que já se sente na pele: as populações das periferias, negras, indígenas, quilombolas e ribeirinhas são as que mais sofrem com o impacto das mudanças climáticas.

Isso resulta de desigualdade histórica que empurra quem tem menos recursos para os lugares mais perigosos, sem estrutura e sem proteção. Ou seja, o alagamento e a seca que destroem casas do povo preto e periférico não acontecem por acaso. Por isso, lutar contra a crise do clima é, antes de tudo, lutar por direitos e por justiça climática.

35%

das escolas nas áreas mais quentes e abafadas das cidades são de maioria negra, enquanto apenas 8,6% são de maioria branca. A pesquisa recente, com dado de 2024, revelou que as escolas onde estudam a maioria de alunos negros sofrem muito mais com o calor extremo, informa o instituto Alana.

68%

de moradores negros de favelas vivem em ruas e becos que não têm nenhuma árvore. Por outro lado, apenas uma fatia minúscula dessa mesma população (9,4%) tem o privilégio de viver em trechos de rua um pouco mais arborizados, com 5 ou mais árvores. A informação de 2022 é do IBGE.

52%

da população negra moradora de municípios do Rio Grande do Sul afetada pelas enchentes de 2024 relatou perdas materiais (destruição ou dano das casas, comércio, etc.) ou de renda, enquanto as da população parda somaram 40% e, da população branca, 26%, segundo uma pesquisa do Datafolha, instituto do Grupo Folha.

40%

da renda mensal de mulheres na economia informal foram perdidas em períodos de enchentes, secas ou ondas de calor. Depois de desastres climáticos, 58% dos lares chefiados por mulheres pulam refeições, e as mulheres dedicam 6,4 horas em média em tarefas não remuneradas, como buscar água e cuidar de crianças e idosos doentes por variações de temperatura em 2025, segundo o Hivos.

CERCA DE 70%

da renda familiar mensal brasileira das mulheres em situação de vulnerabilidade social vão para os gastos para se recuperar de danos climáticos (que incluem, por exemplo, a compra de remédios para doenças respiratórias agravadas pela enchente ou calor). Em casos extremos, essas despesas podem exceder 100% dos ganhos. Segundo o estudo Climate Bills, da Hivos com apoio do WRI Brasil

69%

dos entrevistados na Região Metropolitana do Rio de Janeiro dizem que, caso sua conta de luz fosse diminuída pela metade, comprariam mais alimento para suas famílias. A pesquisa foi conduzida pela Comunidades Catalisadoras - Comcat.



O QUE É ADAPTAÇÃO CLIMÁTICA E COMO ELA PODE NOS AJUDAR ?

Sabe quando o tempo vira, a chuva vem com tudo ou o calor fica insuportável e a gente precisa se virar para não perder a casa, o dia de trabalho ou passar aperto? Se adaptar é exatamente isso: é o jeito que a gente se prepara e se protege para que o clima não destrua as nossas vidas, as nossas casas e o nosso bolso. A gente faz isso porque precisa, não porque é nossa obrigação. Quem tem que garantir que a gente esteja protegido é o poder público, construindo as soluções junto com a comunidade.

O que a política pública chama de “adaptação climática” precisa ser, na prática, a garantia de direitos e de condições dignas de vida: moradia adequada e segura, drenagem que funcione, sombra nas ruas, áreas de lazer, postos de saúde com estrutura, oportunidade de educação e emprego, sistemas de alerta e transporte acessível. Tudo isso sem discriminação por território ou raça. É preparar a comunidade hoje para o temporal, o calor ou a seca de amanhã, e garantir o direito de viver bem, sempre.

Uma solução é construir ações de adaptação a partir dos saberes de quem vive no território. É a chamada Adaptação Baseada na Comunidade (ou AbC). Afinal, quem mora no território sabe exatamente onde a água bate quando o rio enche ou qual encosta corre risco quando chove.

Confira alguns exemplos práticos de como essas ações vêm sendo feitas:



É quando a gente junta a aldeia, o quilombo, a quebrada e toda a comunidade para pensar sobre o que cada um deve fazer para se proteger de chuva forte, de seca intensa e do calorão;



É o mutirão para limpar a vala, o canal, ou construir uma estrutura para melhorar a água que a gente bebe ou para onde a água vai depois que chove;



É a rede de solidariedade que faz marmitas e arruma abrigo quando tem problemas desse tipo;



É a horta comunitária depois de limpar o terreno baldio para garantir comida barata e refrescar o bairro.

A PRÓPRIA NATUREZA COMO RESPOSTA

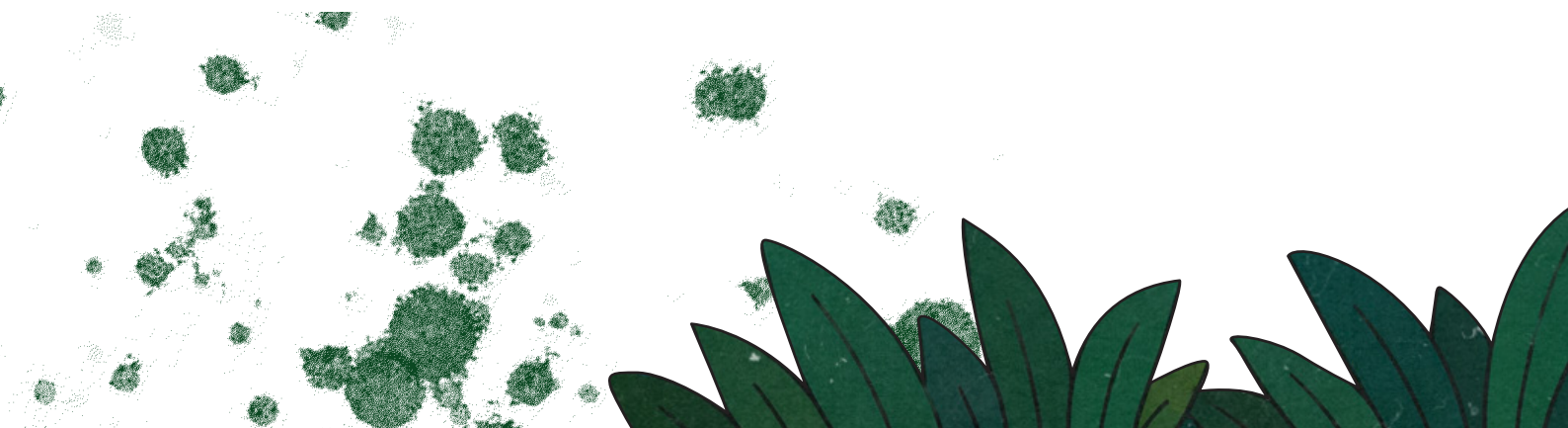
Durante muito tempo, os governos achavam que para resolver as coisas precisavam quebrar tudo: arrancar as árvores e cobrir o chão de concreto. Mas a própria natureza pode ajudar a superar os problemas climáticos, sendo a nossa maior aliada. As Soluções Baseadas na Natureza defendem justamente isso. Essas soluções vêm sendo pensadas há muitos anos, pelos povos indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais. Ou seja, é o conhecimento ancestral do nosso povo! Em vez de lutar contra a natureza, a gente cuida dela (para que ela ajude a gente).

Proteger o mangue, manter o rio limpo e plantar árvores não são parte do “papo de bicho-grilo”, é inteligência. Pense bem: uma encosta cheia de árvores e plantas firmes não desliza na cabeça de ninguém. Essas soluções consideram ampliar o que a gente chama de infraestrutura verde e azul, e reduzir a infraestrutura cinza, ou seja, ter menos concreto e mais vida onde você mora. Atualmente, quando o poder público pensa em evitar alagamentos, sempre gasta milhões em muros de concreto, asfalto, piscinões de cimento e tubos de ferro. O problema é que essa infraestrutura cinza racha, entope e eleva a temperatura, deixando a comunidade “um forno”. Mas atenção: isso não significa tirar pessoas de suas casas ou acabar com o concreto. Cada território precisa de soluções diferentes, pensadas a partir das necessidades de quem vive ali.

Uma das alternativas defendidas pelos autores deste guia é a infraestrutura verde e azul por vários motivos. Você sabe o que isso quer dizer?

A **infraestrutura verde**, com foco nas plantas e na terra, é uma solução que ajudaria a evitar o entupimento nas cidades, já que mais jardins de chuva nas calçadas ajudariam a água a sumir na terra. Além disso, ter mais praças arborizadas que sugam a água e telhados com grama ajudam a refrescar o bairro.

Já a **infraestrutura azul** tem como objetivos os córregos e rios limpos, com margens protegidas por plantas que funcionam como uma esponja natural, segurando a cheia sem inundar a rua. Em resumo, o verde e o azul protegem do alagamento, dão sombra, trazem passarinho, permite que a gente beba água saudável (e até pesque). Essas medidas ajudam a melhorar a saúde e deixam o nosso território muito mais bonito de se viver.



QUANDO A COMUNIDADE E A NATUREZA UNEM FORÇAS

Quando as pessoas da comunidade assumem o controle por meio das ações de Adaptação baseada na Comunidade e usam as soluções da natureza como explicamos acima, ninguém segura: é melhoria na certa.

Um mutirão de moradores que limpa e recupera um manguezal, ou um grupo de mulheres que cria uma horta sem veneno na periferia, está colocando em prática as duas estratégias ao mesmo tempo. Tudo isso traz comida para a mesa, gera união entre os vizinhos, limpa o ar e protege a terra contra a conta pesada do clima.

Esse é o verdadeiro modelo que os governos precisam enxergar e colocar dinheiro. Existem algumas iniciativas em prática no Brasil para reduzir os efeitos de mudanças climáticas e ajudar cidades do país a se adaptarem, mas melhorar isso envolve o engajamento das pessoas para que cobrem os governos locais.

Tudo o que foi dito até agora, principalmente sobre as ações de adaptação nas comunidades, é muito legal. Mas algo já existe? Já! Há muito tempo! Não são apenas ideias que estão no papel. Há casos reais de comunidades brasileiras que estão cuidando de seus territórios para escapar dos sérios problemas que a mudança do clima traz para a vida da gente. Existem iniciativas caminhando de sul a norte do Brasil.



QUER CONHECER ALGUNS EXEMPLOS?

Se a injustiça é estrutural, a resposta precisa ser coletiva

Onde falta, sobra força coletiva. São os vizinhos que limpam os córregos antes da chuva, as mães que montam planos de emergência para salvar seus filhos e toda a comunidade das enchentes, os jovens que lideram a iniciativa de captação de água para garantir alimento e saúde na estiagem.

Isso tudo já é adaptação climática, é solução comunitária, feita na marra, na luta diária pela sobrevivência. Não deveria ser assim, mas é assim que muitas pessoas resistem. Algumas histórias já podem ser contadas porque há saídas em andamento.

Confira a seguir o que algumas comunidades estão fazendo Brasil afora!

FOSSA SÉPTICA BIODIGESTORA (Macapá, AP)



© Marlon Vieira / Greenpeace

O RIO DOS MACACOS (Comunidade do Horto, Rio de Janeiro/RJ)



© Lucas Landau / Greenpeace

O desequilíbrio do clima gera, entre outros prejuízos, muitas enchentes. Na Escola Estadual Professor Raimundo Pereira da Silva, na Vila do Carmo do Maruanum, zona rural de Macapá (AP), foi instalada uma fossa séptica biodigestora com o fim de resolver mais de um problema. O projeto foca na melhoria da qualidade das águas, em reduzir doenças da população exposta a enchentes em áreas com saneamento básico insuficiente e, ao mesmo tempo, cuida da natureza.

O sistema de tratamento para esgoto sanitário que funciona no local usa bactérias que decompõem a matéria orgânica do esgoto, eliminando o cheiro ruim, e gera um biofertilizante natural usado para fortalecer as bananeiras, cajueiros e pés de açaí. Isso torna o espaço mais verde e resistente às variações do clima. “Esse projeto trouxe muitas melhorias para nós, moradores do quilombo. Essa fossa biodigestora não precisa de manutenção constante, como as convencionais, que logo enchem e acabam contaminando o solo”, diz Valdemy da Silva, gestor da escola.

A parceria da escola e do Coletivo Utopia Negra Amapaense, que criou o projeto “Quilombo Vivo”, une educação climática e adaptação com participação da comunidade. A tecnologia usada é da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), de baixo custo e alto impacto, e uma alternativa às fossas convencionais que contaminam o lençol freático e acabam poluindo cursos de água.

O Projeto Horto Natureza visa a limpeza e manutenção do Rio dos Macacos, ações de educação ambiental e garantia de direitos. Pensado e implementado com o apoio dos moradores da bicentenária Comunidade do Horto, na região do Jardim Botânico, no Rio de Janeiro, as atividades realizadas há muitos anos previnem enchentes durante períodos de fortes chuvas e de doenças, além de favorecer a biodiversidade.

Além dos benefícios ambientais, as atividades ajudam a comunidade formada por 600 famílias de outras formas, como no cultivo de horta comunitária. O projeto garante a permanência dos moradores por lá e veio como resposta às críticas de que a comunidade era responsável pela poluição local. “A articulação do direito à permanência se deu através da preservação”, diz Roberto Fonseca, morador e fundador do projeto Horto Natureza. “Os órgãos oficiais precisam estar mais presentes, dando voz à comunidade e apoiando os projetos”.

A Comunidade do Horto é um território formado há mais de duzentos anos por famílias descendentes de pessoas escravizadas. Quando Dom João veio fundar o Horto Real, em 1808, ele trouxe casais de escravos para trabalharem na construção do parque. Com o tempo, essas famílias passaram a viver na região, próximas ao antigo Horto Real, hoje Jardim Botânico. Esse projeto surgiu após as enchentes de 2021, quando os moradores decidiram agir para evitar novas tragédias. O projeto local é resistência e sustentabilidade, dizem os moradores da comunidade.



© Mateus Bernardo / Greenpeace

UM PLANO DE EMERGÊNCIA (Vila Arraes, Recife/PE)

A Vila Arraes, em Recife (PE), desenvolveu um plano comunitário de contingência, adaptação e mitigação para os efeitos das chuvas. Um desses impactos, bem problemático, é o deslizamento de terras. O planejamento foi elaborado pelo Espaço Gris Solidário em parceria com a Universidade Federal de Pernambuco, e conta com a participação das mulheres da comunidade. A presença delas é essencial, já que quase 70% das famílias do local são chefiadas por mulheres.

Os participantes formaram brigadas comunitárias que ajudam em questões logísticas, de saúde mental e preventiva, melhor comunicação sobre o que fazer em caso emergencial e gestão de crise. Todos participam de treinamentos com a Defesa Civil sobre protocolos em situações problemáticas, como quando há enchentes no Rio Capibaribe e risco de morte por choque elétrico.

A ideia é fortalecer a iniciativa em Vila Arraes e ampliar para outras 4 comunidades. Todas elas ficam nas margens do mesmo rio. Sem a participação das pessoas do território, não há como fazer adaptação climática. “Sem financiamento climático, a gente não consegue ter justiça climática e socioambiental, e nem garantir que ela seja antirracista”, defende Joice Paixão, coordenadora da Associação Gris Espaço Solidário.

Estar preparado é importante por mais uma razão: ajuda também a diminuir a ansiedade. Afinal, se você sabe qual é o problema que o clima pode trazer e como lidar com ele, estará minimamente preparado para enfrentar a situação. Além disso, como o plano prevê ações que ajudam a entender o que é adaptação climática, aumentam as chances de novas soluções serem elaboradas e colocadas em prática com a participação dos moradores, que passam a se envolver cada vez mais na redução dos impactos das mudanças do clima.

CAPTAÇÃO DE ÁGUA NO SEMIÁRIDO (Vertentes e São Caetano/PE)

O pessoal das cidades de Vertentes e São Caetano, no semiárido de Pernambuco, tem dificuldade de obter água. Esse também é um problema que poderá se agravar com a alteração do clima, pois algumas cidades poderão ficar ainda mais quentes e secas do que sempre foram com o aumento de temperatura da Terra. Por isso, parte da população se antecipou. O Programa Cisternas, iniciativa que tem o Centro Sabiá à frente, implementou cisternas na região para combater a falta de água.

Cisterna é um reservatório que ajuda a captar, armazenar e conservar água para uso em tarefas domésticas, por exemplo. A construção de cisternas no Nordeste brasileiro não é uma novidade, mas é uma alternativa que já se mostrou muito útil e por isso a instalação delas está aumentando cada vez mais nas regiões secas. No semiárido brasileiro já são pelo menos 1,2 milhão de cisternas construídas e instaladas em vinte anos.

Para quem formula as políticas climáticas, nas esferas federal, estadual e municipal, o pessoal envolvido há tempos nesse tipo de projeto manda um recado direto: “Se querem falar de temperatura subindo, de seca, de plantação morrendo, precisam ouvir o sertanejo, que vive isso há 200, 300 anos”, afirma Carlos Magno, do Centro Sabiá. “As comunidades são o chão da transformação, elas carregam as próprias soluções”. Para ele, as pessoas que moram nos lugares com falta ou excesso de água precisam ser ouvidas antes de especialistas que apresentem diagnósticos sem morar nessas regiões.

Além disso, as comunidades precisam de recursos para implementar as ideias (já que não adianta só ter ideias boas sem o dinheiro para executá-las). Portanto, buscar financiamento para concretizar os projetos de adaptação climática é uma via fundamental.



COMO EXIGIR QUE FINANCIEM O NOSSO TERRITÓRIO?

Muitos projetos que fazem a diferença começam pequenos e custam pouco. Só que para continuarem de pé e darem certo por um longo período, precisam de apoio constante e financiamento garantido. Investir na comunidade não é caridade, é investimento. Mais do que isso: é uma responsabilidade que está dividida entre diferentes esferas de governo, todas ocupadas por políticos eleitos por você. É responsabilidade de todos os que vão buscar o seu voto, seja o prefeito, os vereadores, o governador e os deputados estaduais e federais, os senadores ou o presidente da República.

Investir em adaptação climática sem deixar de ouvir os moradores é reconhecer que quem vive no território cria soluções inteligentes, acessíveis e que funcionam de verdade. É a certeza de que o dinheiro público vai ser bem utilizado e vai direto para onde mais precisa.

Além disso, não adianta o governo dizer que tem dinheiro para o clima se esse recurso fica preso em um monte de papeladas e burocracias que nenhuma associação de moradores consegue acessar. Para a proteção funcionar de verdade, o acesso aos recursos precisa ser simples, direto e sem enrolação.

Se liga nos 5 motivos que explicam por que investir na organização da comunidade pode ser a melhor escolha.



1. DÁ MUITO MAIS CERTO E DURA MAIS TEMPO

Quando a própria comunidade ajuda a definir o que precisa ser feito, a solução responde a um problema real do bairro e todo mundo abraça a ideia. Ela faz sentido e tem valor para quem vive ali. Como o povo cuida do que ajudou a construir, o projeto dura anos e o governo não precisa ficar gastando dinheiro toda hora para consertar a mesma coisa no mesmo lugar.



2. FORTALECE O TERRITÓRIO E A COMUNIDADE SE TORNA PROTAGONISTA

Esse investimento faz a comunidade se unir, valoriza a cultura e desperta novas lideranças. Além disso, como os próprios moradores acompanham e fiscalizam a obra ou o projeto no dia a dia, tudo funciona melhor, com menos desperdício e mais transparência.



3. RESOLVE O CLIMA E MELHORA A VIDA DE UMA VEZ SÓ

As ações de adaptação climática criadas na comunidade não olham só para a chuva ou para a seca; elas olham para a vida inteira do morador. Uma horta comunitária, por exemplo, diminui o calor do bairro, absorve a água da chuva e, ao mesmo tempo, combate a fome e gera renda. É o dinheiro público rendendo o dobro.



4. CUSTA MUITO MAIS BARATO

Apesar de importantes e necessárias, as megaconstruções de empreiteiras custam bilhões e demoram anos para sair do papel. O foco em investir em Adaptação Baseada em Comunidades significa que o poder público vai poder acompanhar o território a médio e longo prazo, capacitar e treinar as pessoas e apoiar o que elas já sabem fazer. Soluções simples, coletivas e bem planejadas custam uma fração do preço de uma obra tradicional de concreto.



5. TRANSFORMA A REALIDADE E FAZ JUSTIÇA

A Adaptação Baseada em Comunidades tem a possibilidade de mudar o jogo da vulnerabilidade, pois ao enfrentar as causas da desigualdade e do racismo, garante que quem sempre foi esquecido seja o primeiro a ser protegido. Além disso, quando a comunidade se protege, o Brasil inteiro ganha pontos e fica mais perto de cumprir as metas de proteção do planeta (como as que estão no Acordo de Paris, estabelecido em dezembro de 2015, durante a 21ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas, a COP21, realizada na França).

E AÍ, VAMOS TRADUZIR O “CLIMATIQUEÊS” QUE O PESSOAL GOSTA DE USAR?

A

ADAPTAÇÃO CLIMÁTICA

Climatiquês: Ajustes nos sistemas naturais ou humanos em resposta a estímulos climáticos reais ou esperados.

Papo Reto: Isso quer dizer criar defesas na comunidade para aguentar o tranco das mudanças climáticas e eventos extremos. Significa fazer obras de contenção em encostas, limpar canais, criar sistemas de alerta de chuva e preparar os bairros para que ninguém perca a casa ou a vida quando o clima ficar violento.

C

CAPACIDADE DE ADAPTAÇÃO

Climatiquês: Habilidade de instituições, pessoas e outros organismos de se adaptarem a danos potenciais e de responderem às consequências.

Papo Reto: É o tamanho do nosso escudo. Ou seja, é tudo o que a comunidade tem na mão para reagir ao perigo: desde dinheiro e apoio do governo, até a própria organização comunitária.

E

EXPOSIÇÃO

Climatiquês: Presença de pessoas, meios de subsistência, espécies ou ecossistemas em locais que podem ser afetados negativamente.

Papo Reto: É estar na linha de frente do perigo. Se a sua casa fica bem na beira de um córrego que transborda ou colada em um barranco que pode deslizar, você

está altamente exposto. É quem está no caminho da ameaça.

I

INSEGURANÇA HÍDRICA

Climatiquês: Indisponibilidade de água em quantidade e qualidade aceitáveis para a subsistência e bem-estar.

Papo Reto: É o sufoco de ficar sem água limpa na torneira. Seja porque o clima secou o poço, o reservatório ou o açude da comunidade, seja porque a falta de saneamento poluiu o rio de onde vem a água que as famílias usam para beber, cozinhar e lavar.

J

JUSTIÇA CLIMÁTICA

Climatiquês: É o conceito que conecta a crise ambiental aos direitos humanos e à equidade social. Ele parte do princípio de que as mudanças climáticas não afetam a todos da mesma forma: as populações mais vulneráveis sofrem desproporcionalmente, embora sejam as que menos contribuem para o problema.

Papo Reto: É o direito de todo mundo viver seguro, não importa o CEP ou a cor da pele. É exigir que o investimento público para combater o calor e as enchentes vá primeiro para os bairros que mais sofrem, em vez de blindar apenas os bairros ricos. Se o impacto do clima é desigual, a solução precisa ser justa e igualitária.

M

MITIGAÇÃO

Climatiquês: Intervenção humana para reduzir as fontes que promovem os gases de efeito estufa.

Papo Reto: É cortar o mal pela raiz. Significa parar de queimar combustíveis fósseis (como gasolina e diesel), zerar o desmatamento e diminuir a poluição do planeta para evitar que a crise climática piore ainda mais o nosso futuro.

R

RACISMO AMBIENTAL

Climatiquês: Discriminação racial nas políticas ambientais, aplicação de regulamentos e leis, e direcionamento deliberado dos impactos negativos para comunidades negras e marginalizadas.

Papo Reto: Não é coincidência que nas áreas sem saneamento, onde há encostas perigosas e as casas viram “fornos” no calor, os moradores sejam em sua grande maioria pessoas pretas, pardas e indígenas. O racismo ambiental acontece quando o Estado escolhe quais corpos e territórios vai proteger e quais vai abandonar para sofrer com o lixo, a poluição e os desastres.

RESILIÊNCIA

Climatiquês: é a capacidade de pessoas, cidades, empresas ou ecossistemas de se preparar, responder e se recuperar de eventos climáticos extremos.

Papo Reto: É a nossa capacidade de enfrentar uma pancada e conseguir se reerguer. Mas não é só voltar a ser como era antes, e sim criar condições para voltar mais forte e protegido para que o próximo estresse não derrube a gente de novo.

S

SENSIBILIDADE

Climatiquês: Grau em que um sistema ou espécie é afetado, de forma negativa ou positiva, por perturbações climáticas.

Papo Reto: É o quanto a gente sente o impacto por causa da falta de estrutura. Uma rua sem bueiro, cheia de lixo e com casas feitas de materiais frágeis é altamente sensível. A mesma chuva que cai na cidade atinge o bairro rico, mas causa tragédia na periferia porque a falta de direitos básicos deixou a comunidade desprotegida e frágil.

SOLUÇÕES BASEADAS NA NATUREZA

Climatiquês: Ações para proteger, gerenciar de forma sustentável e restaurar ecossistemas naturais ou modificados.

Papo Reto: É usar a sabedoria da floresta, dos povos e da própria terra para proteger a cidade. Em vez de só gastar milhões com concreto, é plantar árvores nas ruas para diminuir o calor, criar parques que funcionam como “esponjas” para segurar a água da chuva e proteger os rios para evitar enchentes.

V

VULNERABILIDADE

Climatiquês: Propensão ou predisposição a ser afetado negativamente por ameaças climáticas.

Papo Reto: É a soma de estar no lugar perigoso (Exposição) com a falta de estrutura básica (Sensibilidade) e a falta de investimento ou apoio para reagir (Capacidade de Adaptação). Quando essas três coisas dão errado juntas, a comunidade fica totalmente vulnerabilizada pelo desastre.

CONTATOS

Redes e contatos do Greenpeace Brasil para fortalecer a articulação dessas comunidades:



Instagram: @greenpeacebrasil

Tiktok: @greenpeacebrasil

The background of the image is a solid dark green. On the left side, there is a vertical strip of a lighter, lime green color. A jagged, white line separates the two green areas, starting from the top left and extending downwards towards the middle of the page. The word "GREENPEACE" is written in a white, bold, sans-serif font, centered horizontally in the lower half of the image.

GREENPEACE